

Portugal e a visibilidade do mundo (séculos xv e xvi)

Marília dos Santos Lopes

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC)

Universidade Católica Portuguesa

Resumo

A justificação aludida para traduzir a literatura portuguesa de viagens para outras línguas europeias é na generalidade a grande experiência *in loco* que os relatos disponibilizavam àqueles que só poderiam conhecer o mundo através da leitura da narrativa saída da pena dos viajantes. Tradutores e editores, reconhecidos, enaltecem o louvor deste trabalho *ad vivum* e editam por toda a Europa as notícias e os informes recolhidos por homens curiosos e observadores.

A partir de alguns exemplos da literatura portuguesa de viagens, o presente texto tentará definir qual o contributo concreto do mapear e descrever dos viajantes portugueses para a caracterização e entendimento do mundo recentemente descoberto. E se esta é uma singularidade da literatura de viagens, não deixa de ser relevante o surgimento de projetos editoriais de relevo que fomentam esta mesma ideia: a de dar visibilidade ao mundo através das novas notícias e informes.

Marília dos Santos Lopes, licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi colaboradora científica no Centro de Investigação de História da Expansão Europeia da Universidade de Bamberg (Alemanha), onde se doutorou em História Moderna. Atualmente é professora da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura e *Senior Fellow* na Biblioteca Herzog August em Wolfenbüttel, Alemanha. Entre as obras publicadas destacam-se: *Identidade em viagem. Para uma história da cultura portuguesa* (Lisboa, 2015); “From Discovery to Knowledge: Portuguese Maritime Navigation and German Humanism” (2012, in: *Intersections* 21); *Ao cheiro desta canela. Notas para a história de uma especiaria rara* (Lisboa, 2002); *Da Descoberta ao Saber. Os Conhecimentos sobre África na Europa dos Séculos XVI e XVII* (Viseu, 2002) e *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma Iconografia dos Descobrimentos* (Lisboa, 1998).

Falar do “Tempo de Grão Vasco. Habitar os/nos séculos XV e XVI” é falar das transformações geográfico-culturais que ocorreram entre os finais do século XV e o século XVI, bem como, naturalmente, do papel que aos portugueses coube na conceptualização de uma nova imagem do mundo. Como se sabe, e já muitos autores sobejamente o sublinharam, Portugal e, mais propriamente, as cidades portuguesas foram polos de um fulcral e decisivo intercâmbio político-cultural (Cortesão, 1978), mormente verdadeiros e insubstituíveis centros de saber e conhecimento.

Ao traçar importantes redes de conhecimento da Europa Moderna, o historiador Peter Burke, na sua *Social History of Knowledge* (1997), sublinha precisamente a importância do comércio e dos portos marítimos na transmissão de saber, referenciando em particular a importação factual de informações que se tornou possível através das redes comerciais já consensuais: “The phrase ‘importing knowledge’ is intended as a reminder of the importance of trade and more particularly of ports in the spread of information [...]. The importance of Lisbon in the history of knowledge, especially in the fifteenth and sixteenth centuries, derived from its position as the capital of the Portuguese seaborne empire” (Burke, 1997: 77)

Na verdade, Lisboa, bem como outras cidades de Portugal, dada a sua localização e posição no processo geográfico de alargamento e abertura *do mundo*, revelam-se importantes entrepostos, quer na produção, quer na divulgação e propagação de informações sobre o mundo, as suas gentes, a sua natureza e seus mares, num infindo banco de dados a nível planetário. Informações que, como sabemos, tomam corpo, por exemplo, na cartografia portuguesa, como o provam os célebres mapas da família Reinel, onde, já na segunda metade do século XV, se projeta uma atualizada configuração da costa norte e ocidental do continente africano, dando conta dos avanços obtidos no período henriquino em que as embarcações portuguesas chegaram à Serra Leoa, como o confirma a legenda do mapa de Pedro Reinel (ca. 1485).

Acolhidos no Museu Grão Vasco, não poderemos naturalmente deixar de evocar o pintor que lhe deu o nome como um dos exemplos mais vivos e claros de um saber que rapidamente se transformou em informação real e concreta do quotidiano português. No seu famoso quadro da *Adoração aos Magos* (1501-1506), Vasco Fernandes expõe pela primeira vez uma representação dos atributos e características do índio brasileiro: os adornos e toucado de plumas que Baltasar veste numa curiosa composição em que se conciliam diferentes linguagens iconográficas.

Sem querermos entrar no longo debate sobre se o conhecimento de novas gentes foi direto, ou por intermédio de outras referências (Ribeiro, 1996), o certo é que podemos testemunhar que o pintor faz uso desses dados e informações num programa iconográfico inovador e representativo de

uma nova caracterização e entendimento do teor bíblico-cultural da cena da Adoração aos Reis Magos.

Estes exemplos do contributo português na revolução informativa promotora de uma nova visibilidade do mundo, representativos de diferentes áreas do saber científico e técnico, como na cartografia e pintura, constituíram o ponto de partida para, de seguida, apresentar em três importantes momentos modos de lidar com a novidade: ver e descrever; colecionar e editar; e mapear e mediar. Importa, pois, percorrer algumas das maneiras e estratégias de como o ver e o conhecer “novos mundos ao mundo” (Luís de Camões) se foram espalhando não só em edições portuguesas, como em publicações europeias, num sinal de mudança e renovação da imagem do mundo.

1. VER E DESCREVER

A vasta e alargada historiografia sobre a Literatura Portuguesa de Viagens tem destacado assiduamente o lugar que o Ver assume nos relatos de viagens, sendo assim a característica mais determinante e fundamental deste primeiro e novo momento; ou seja, o saber é ter a exata determinação sensível e empírica do Visto (Barreto, 1989). Só ele permite o saber possível, como o assegura o nauta Diogo Gomes, na sua famosa afirmação: “E eu digo com verdade que vi grande parte do mundo, mas não vi coisa parecida” (Garcia, 1983: 29), anotada por Martin Behaim, na sua relação intitulada *Do primeiro descobrimento da Guiné*.

Mas, se este aspeto é notório logo desde as primeiras viagens pelas costas africanas, também noutros textos sobre outras regiões do mundo ele se fará obviamente sentir, pois o relator das novidades vai igualmente crescendo na sua tarefa e missão e, assim, não procura única e exclusivamente relatar o que ele, viajante, vê, como também se informa a fim de melhor anotar e registar o visto, como nos testemunha Duarte Barbosa: “[...] além do que pessoalmente vi, sempre me deleitei em procurar aos mouros, cristãos e gentios pelos usos e costumes de que eram praticos, cujas informações tomei o trabalho de combinar umas com outras para ter uma notícia mais exacta delas, que foi sempre o meu principal intento, como deve ser o de todos os que escrevem sobre semelhantes materias” (Barbosa, 1941: 13).

No seu *Livro das Cousas da Índia*, escrito provavelmente entre 1511 e 1516, o “melhor língua” português, como se caracteriza numa carta a D. Manuel I, traça um preciso e exaustivo panorama do mundo oriental. Duarte Barbosa será um dos homens das primeiras horas da presença portuguesa no Malabar, pois já em 1500 chega à Índia em companhia de seu tio, Gonçalo Gil Barbosa, e logo aprende a língua malabar. Resultado do contacto direto com as terras e seus povos, a sua obra é o fruto do olhar atento e curioso de um observador rigoroso e acostumado a olhar, pois, como escreve, será no

“Ver” e no procurar “ter notícia exata” que coleciona o seu manancial informativo. Mais tarde o seu bosquejo será o caderno de exercícios dos geógrafos e etnógrafos interessados em conhecer estas novas regiões do orbe terrestre. Mas isso só será possível porque a sua escrita, resultante de um olhar cuidadoso, testemunha e reproduz um carácter de rigor e precisão.

Graças a autores como Diogo Gomes e Duarte Barbosa – relatores de novos mundos com uma pesada e aturada tarefa: a de traduzir essas outras realidades para o mundo conhecido (Clifford/Marcus, 1986) –, foi possível ir traçando novos contornos e facetas sobre novos mundos, que não se projetarão apenas nos relatos, nos textos, mas também em imagens capazes de construir uma rica e diversificada imagem visual do mundo.

É o caso das gravuras de Hans Burgkmair, um artista e gravador de renome da cidade de Augsburg, entreposto comercial de banqueiros e mercadores, como os Fugger, também eles interessados e envolvidos com as trocas comerciais da Índia, que ilustrarão o relato de Balthasar Sprenger, que viajou na armada de D. Francisco de Almeida (1505).

No ano de 1508 vêm, pois, a lume na Europa as primeiras imagens sobre África e a Índia (Hirschberg, 1962). Tal como o autor do diário da viagem inaugural à Índia, Balthasar Springer anotou, como que decalcando o espaço geográfico, informações de etapas definidas e significativas da viagem: costa ocidental africana, cabo da Boa Esperança, costa oriental e Índia. As imagens irão, pois, dar ênfase a este registo cartográfico e etnográfico, desenhando o mapa da distância e a rota percorrida através da representação de um núcleo familiar em cada uma das regiões evocadas. Apesar da diferença específica que cada uma delas bem evidencia, e também pretendida pelo artista, constata-se uma clara intenção de delinear visualmente o trilho geográfico e cultural.

Com base no texto de Balthasar Springer, Hans Burgkmair traça o primeiro esboço iconográfico de uma família da Guiné, outra do Cabo da Boa Esperança e ainda de povos indianos, após a viagem de Vasco da Gama. Note-se que o artista procura retratar visualmente indianos tal como os viu Balthasar Springer. Dando eco às palavras do autor e viajante, Hans Burgkmair desenha uma primeira categorização visual dos povos locais (Leitch, 2010).

Na esteira de Álvaro Velho, que os descreve como “[...] homens baços. E andam deles com barbas grandes e os cabelos da cabeça compridos, e outros trazem as cabeças rapadas e outros tosquiadas; e trazem em a moleira uns topetes, por sinal que são cristãos; e nas barbas bigodes. E trazem as orelhas furadas, e nos buracos delas muito ouro; e andam nus da cinta para cima, e para baixo trazem uns panos de algodão muito delgados” (Garcia, 1983: 184), Springer delinea uma nova imagem que Hans Burgkmair vai fixar e fazer circular pela Europa.

As gravuras da *Die Merfart und erfahrung nüzwer Schiffung und Wege zu viln unerkanten Inseln und Künigreichen* revelam-se, por conseguinte, um precioso estudo sobre as gentes recém-descobertas. Num exercício compilador entre saber geográfico e etnográfico, Hans Burgkmair introduz um primeiro registo para o que, mais tarde, Willem Janszoon Blaeu irá concretizar no seu mapa de África, *Nova Africa descriptio* (1630): o traçado geográfico será emoldurado, na sua grande maioria, por casais das diferentes redescobertas regiões africanas, definindo hábitos, vestuário ou até profissões, pelo que o observador terá não só o conhecimento cartográfico dos contornos e limites deste continente, mas também elementos identificadores e determinantes da sua geografia humana.

Tal como Stephanie Leitch defende, na sua obra *Mapping Ethnography in Early Modern Germany, New Worlds in Print Culture*, as gravuras de Hans Burgkmair “were the first images to reflect the nature and degree of cultural difference that this contact represented. Burgkmair’s representations of Africa and Indian natives in a 1508 woodcut edition of a merchant’s voyage is the first print of Africans and Indians to assume empirical observation as a prerequisite to its production” (Leitch, 2010: 14); consideramos, de igual modo, que esta é a atitude de um primeiro registo caracterizador da novidade da obra: a de reconhecer o valor da observação. Como salienta a autora, em contraste com o Renascimento italiano, Hans Burgkmair terá de criar os seus materiais, recorrendo a recentes e atuais informes capazes de esboçar uma nova representação e um novo saber. Tal como já o tinham feito os cartógrafos, também Hans Burgkmair irá, a partir da novidade, mapear as realidades recentemente descobertas, traçando novas imagens sobre as terras e as gentes da África e da Índia.

Neste rol de levantamento de novas realidades muitos serão os autores que vão inventariando, ordenando e classificando o que os seus olhos observam, em muitos casos, como já se fazia sentir em Duarte Barbosa, sem juízos de valor, pois é o saber concreto que importa apreender e relatar em obras capazes de transmitir com rigor e precisão a coisa em si, como se testemunha decalcada na edição de tratados, como, por exemplo, o de Luís Frois. Por sua vez, nas edições ilustradas, maioritariamente fora de Portugal, as imagens dão visibilidade à palavra do viajante narrando iconograficamente novos mundos.

Neste formulário de novas visibilidades, muitas vezes se tece um diálogo e reflexão com o saber vigente, nomeadamente o da autoridade. Assim, e sem querer debruçar-nos sobre este tópico, também muito significativo do Renascimento, como aliás já tivemos oportunidade de o fazer em outras ocasiões (Lopes, 1996, 2012b), sabemos como o valor e mérito da experiência se terá de medir com o saber da autoridade clássica.

Em suma, este ver e descrever surge na época moderna também a pensar no possível leitor; não se trata apenas de um exercício de autorreflexão, pois sendo, em primeira linha, um relato pessoal, os autores não esquecem – e este aspeto é muito importante – que a sua principal função é tornar esta experiência, e também os conhecimentos adquiridos, real e precisa para aqueles que, não podendo viajar, queiram partilhar da vivência e, certamente, do *fundus* documental.

2. COLECIONAR E EDITAR

A justificação aludida para traduzir a literatura portuguesa de viagens é, na generalidade, a grande experiência *in loco* que os relatos disponibilizam àqueles que só poderiam conhecer o mundo através da leitura da narrativa saída da pena dos viajantes. Tradutores e editores, reconhecidos, enaltecem o louvor deste trabalho *ad vivum* e editam por toda a Europa as notícias e os informes destes homens curiosos e observadores (Lopes, 2002).

Estas dinâmicas culturais, que levam uns a descrever, outros a mapear e a criar categorias para ordenar e classificar, seja em palavras, esquemas, esboços ou obras de arte, são todas elas expressões da vontade mental de aprender e refletir, uma característica da Europa moderna. Em diferentes localidades da Europa vamos encontrar artistas, autores, tradutores, editores, impressores, escritores reunidos muitas vezes em torno de ateliês de tipografia interligados numa frequente e ativa rede, podendo-se identificar sítios e/ou grupos emergentes na produção e gestão do conhecimento (Burke, 1997; Chartier, 2014).

O saber não conhece, naturalmente, fronteiras, e muito serão os que procuram as informações, ou até mesmo a posse de plantas, pedras ou objetos, como o podemos comprovar nas *Wunder- und Kunstkammern*. Colecionar é um “habit of curiosity” (Benedict, 2001: 2) que começa por ser possuir, ver, um dos sentidos mais valorizados, mas que se irá transformar numa apropriação de conhecimento, visto que através do olhar, e consequente conhecer, cresce a noção de que se sabe, se adquire, se controla e se pode tornar senhor do conhecimento.

Assim, muitos serão os que vão colecionar e procurar editar relatos e coletâneas de informes, dada a própria urgência do conhecimento. O alemão Hieronymus Munzer virá a Portugal, já em 1494, e, interessado em obter informações, chega a ser recebido por D. João II, que considera, como afirma no seu relato da viagem a Portugal, “um homem instruíssimo e em tudo muito sagaz” (Münzer, 1931: 13). Traça o retrato de um rei inteligente e curioso, pois, como diz: “É muito afável e amigo de indagar muitas cousas. Àqueles que o procuram e se gabam de emprêsas guerreiras, de navegação ou quaisquer outras, ouve-os atentamente, manda apresentar as provas

ou demonstrações, e se os acha verídicos e valentes, não os deixa sem recompensa” (Münzer, 1931: 13-14). O soberano, cosmopolita, conhecedor e mecenas, como se espera de um cortesão perfeito, chega a armar cavaleiro um dos seus acompanhantes, Antonio Herwart de Augsburg, num gesto de reconhecimento, o que aliás não seria a única vez (Lopes, 2012a).

Ao longo da sua obra seremos informados sobre as viagens marítimas e como Lisboa se enche de mercadorias e de gentes de outras nações, informações estas que encontraremos nas publicações do humanista Hartmann Schedel, mais propriamente numa das mais importantes *cronicae mundi* dos finais do século XV, editada em Nuremberga. Nesta suma do saber e, mais precisamente, num capítulo dedicado a Portugal, dá-se já conta das viagens de Diogo Cão, do açúcar da Madeira, entre outros, denotando como as informações recolhidas em Portugal se refletem já nesta suma enciclopédica de um dos mais influentes *litterati* que, recorrendo à coletânea do amigo e viajante Münzer, pode trazer a lume, em Nuremberga, novos informes e dados sobre o mundo.

Um outro exemplo de exímio colecionador é o do morávio Valentim Fernandes que, em Lisboa, se torna um inestimável mediador entre Portugal e a Europa Central. Reconhecido como um dos mais importantes impressores da sua época (Anselmo, 1983, 1984, 1991: 105-110; Marques, 1995; Dias, 1995), Valentim Fernandes prestaria um inaudito contributo para a vida económica e cultural do reino português (Costa, 1939; Andrade, 1972; Ehrhardt, 1989).

Editor, tradutor, autor e homem de negócios, Valentim Fernandes constitui uma figura ímpar da sociedade quinhentista portuguesa. Um dos mais interessantes testemunhos do seu empenho em tornar visível e conhecida a *abertura de um novo outro mundo* está patente no *Livro de Marco Polo*, que Valentim Fernandes publicaria no ano de 1502. A introdução que antecede a edição deste seu livro – uma das primeiras edições europeias – é verdadeiramente um hino entusiástico ao que se estava a passar em Portugal. Endereçada ao *Serenissimo e Inuictissimo Rey e Senhor Dom Emanuel o primeiro. Rey de Portugal e dos Algarves, daquem e alem mar em Africa. Senhor de Guynee. E da conquista da nauegaçom e comercio de Ehiopia. Arabia Persia e da India* (Paulo, 1502: Idem, Fol. Aj v.), a edição exalta a atividade marítima coeva e realça a renovação geográfico-cultural vinda a conhecimento pelas navegações. Tal como afirma o Apóstolo São Lucas, “Vimos oje cousas marauilhosas” (Paulo, 1502: Idem, Fol. Aj v.), também Valentim Fernandes apresenta “cousas nouas e marauilhosas das terras e gente noua e das suas cousas” (Paulo, 1502: Idem, Fol. Aj v.).

Valentim Fernandes propõe-se “écrire le monde” (Lestringant, 1993), uma tarefa comum, alguns anos mais tarde, a muitos geógrafos e eruditos europeus, mas que, no dealbar do século XVI, se revela manifestamente

precoce e singular. Recolher, colecionar, impõe também corrigir e emendar, pelo que na edição de *Marco Polo* de Valentim Fernandes se denota o empenho em acertar as novas descobertas com os topónimos antigos. Escrita para aqueles que desejem “veer e andar pello mundo” (Paulo, 1502: Fol. Aiiij v.), esta coletânea deverá emendar e corrigir. Neste sentido, cabia aos nautas portugueses empreender esta tarefa, como Valentim Fernandes refere no cólofon da sua edição: “Acabase ho liuro de Marco paulo [...] que todos escreuerom das Indias. a seruiço de Deos. e auisamento daqueles que agora vam pera as ditas Indias. Aos quaes rogo e peço humilmente que benignamente queiram emendar e correger ho que menos acharem no escrever. s. nos vocabulos das prouinças. regnos. çidades. ylhas e outras cousas muytas e nom menos em a distancia das legoas de huma terra pera outra” (Paulo, 1502: Fol. 98 v.). Com base no *fundus* conhecido, urge erigir uma nova suma de saber, uma renovada organização estratégica do saber.

Esta intenção de “corrigir” os horizontes geográficos coevos será também a razão do chamado “Manuscrito de Valentim Fernandes”, uma coleção de escritos sobre as viagens marítimas portuguesas que se encontrará na posse do seu amigo e correspondente, o *Stadtdiener* e humanista Konrad Peutinger. Mais uma vez, um trabalho pioneiro, testemunho do seu interesse e curiosidade pelo mundo ultramarino, em que o colecionador compila escritos de autores, como Gomes Eanes de Zurara, Diogo Gomes, Martim Behaim ou Hans Mayr. Embora não possa contar com a ampla difusão de obras impressas como os *Paesi novamente ritrovati* de Francazano da Montalboddo (Vicenza, 1507), o *Novus Orbis* de Simon Grynaeus (1532) ou as *Navigazioni e Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio (1550-1559), o manuscrito de Fernandes inicia este ambiente recetivo e colecionador de informações, sendo indubitavelmente uma das primeiras antologias da novidade (Radulet, 1991: 17-35).

É o desejo de reunir e coligir informações sobre as viagens portuguesas, já presente na coletânea do *Livro de Marco Polo*, que determina a ação do impressor da Morávia, oferecendo a oportunidade a letrados e comerciantes além-Pirenéus de “verem” a configuração da terra recém-descoberta.

Um dos principais destinatários das suas missivas é o conselheiro imperial, agente político e jurista Konrad Peutinger, também ele um colecionador e apaixonado da geografia. No seguimento de Hartmann Schedel, Peutinger tencionava organizar uma recolha geográfica sobre o orbe terrestre, revelando as recentes notícias de incondicionável valor para o seu trabalho (Wuttke, 2007; Lopes, 1992). Não será de estranhar a referência às caravelas portuguesas no Atlântico e à chegada a Calecute, na sua obra *Sermones conuiuales* (1506), bem como as iniciativas que empreende junto do Imperador Maximiliano I para promover a participação dos comerciantes alemães

na empresa marítima e comercial em terras orientais (Vogel, 1991). Casado com Margaret Welsler, filha de uma das mais influentes casas comerciais alemãs, Konrad Peutinger percebia a oportunidade que a abertura da Rota do Cabo poderia significar. E isto o testemunham as cartas e relatos que encontramos entre os seus documentos, mormente os textos relativos à primeira viagem de Vasco da Gama (1497), à expedição de Pedro Álvares Cabral (1501), à viagem de Américo Vespúcio (1501), à segunda viagem de Vasco da Gama para a Índia e ainda à frota de D. Francisco de Almeida. Que a sua curiosidade por estes escritos não ficaria por uma mera leitura prova-o o facto de o humanista e político ter vertido para o alemão o relato da segunda viagem de Vasco da Gama (Lopes, 1999).

Para além destes breves textos acham-se, entre os livros da sua vasta e rica biblioteca, muitos outros relacionados com as viagens marítimas como, por exemplo, a coleção de viagens de Fracazano Montalboddo, onde se poderia informar de uma forma global sobre as viagens ibéricas, ou cosmografias como a de Martin Waldseemüller. Estas, como ainda as epístolas de D. Manuel publicadas em diferentes edições (Matos, 1991), também em diversas cidades do Império, demonstram bem o interesse do Sacro Império Romano-Germânico pelas notícias de Portugal (Lopes, 2012b).

Editada, em 1507, pelo humanista Francazano Montalboddo, a coletânea de *Paesi novamente ritrovati* correria toda a Europa em muitas outras edições (Lopes, 2002: 74). Um ano depois, por exemplo, viria a lume em língua latina, com o título *Itinerarium Portugallensium*, e, nesse mesmo ano de 1508, em alemão: *Neuwe unbekante landte und ein newe weldte in kurzer zeythe erfunden*. Jobst Ruchamer, o médico de Nuremberga que a verteu para a língua alemã, fala-nos de espanto face às notícias estonteantes e insólitas de terras longínquas, onde habitavam povos negros com usos e costumes tão diferentes dos conhecidos. Este teria sido mesmo, como nos adianta no prólogo, o motivo que o levava a traduzir a antologia de Montalboddo para o alemão. As novas causar-lhe-iam tal admiração, que se sentira impelido a torná-las familiares no seu país. A descoberta de novas regiões do orbe terráqueo, afinal habitado, seria, no seu entender, um ato de surpresa, como um *miraculum* (Lopes, 2002: 36-42). Vale a pena ler o prólogo em que o tradutor justifica o seu interesse neste escrito:

Depois que um dos meus melhores amigos me deu este livrinho (escrito em língua italiana), a fim de que eu o traduzisse para a língua alemã na intenção e propósito de o publicar, como então aconteceu, li uma parte dele e descobri coisas maravilhosas e até agora nunca vistas, que contradizem em várias partes os escritos sobre a natureza dos mestres antigos e muito eruditos, por exemplo, quando escrevem que não habitariam (na terra) pessoas abaixo de muitos dos círculos do céu. Isto mostram, todavia, as viagens ou navegações de forma diferente, as quais foram feitas pela recomendação e

ordem das Altezas Reais de Portugal e da Espanha segundo o conteúdo deste livrinho, pois eles descobriram nos mesmos locais, ilhas maravilhosas, belas e divertidas com gente nua e negra, com maneiras e usos estranhos e nunca vistos, também aves e animais estranhos e maravilhosos, árvores deliciosas, especiarias, muitas pedras preciosas, pérolas e ouro, que são muito apreciados entre nós e lá entre eles são comuns. Quando eu descobri estas coisas neste livrinho, tive então a intenção de agradar ao meu bom amigo já referido e de o traduzir para a língua alemã; e, por isso, é que eu o traduzi até ao fim lentamente nos meus tempos livres, quando os tenho. Para que muita gente possa conhecer e descobrir os grandes milagres maravilhosos de Deus Onnipotente, que criou e ornou o mundo com diversas espécies humanas, terras, ilhas e criaturas estranhas (como foi acima referido), que eram totalmente desconhecidas para a cristandade e para a nossa nação. É também quase milagroso que os cristãos tenham feito estas viagens ou navegações longínquas, perigosas, desconhecidas e maravilhosas. Estas, segundo a ordem deste livrinho que será denominado o NOVO MUNDO, serão esplendidamente apresentadas em seguida (Lopes, 1990: 270-271).

Com efeito, as traduções, e respetiva leitura, destes escritos revelam-se, dado o seu teor factual e informativo, “muito práticas e proveitosas”, como se pode ler no prólogo da versão alemã da obra *Verdadeira Informação da Terra do Preste João*, do franciscano Francisco Álvares (Eisleben, 1566). Muitas outras obras serão traduzidas, com justificações semelhantes, como no caso do tradutor para o alemão de Fernão Lopes Castanheda:

[...] eles [os reis de Castela e Portugal] descobriram uma grande parte do outro mundo que denominamos Antípodas e ainda abriram as navegações e caminhos marítimos, que até então eram considerados impossíveis. Eles viram nessas terras novas que descobriram várias espécies de gentes até então nunca vistas, costumes estranhos, plantas e animais maravilhosos; os soldados por eles enviados tiveram inesperadamente muita sorte e muita desgraça, muitos deles esforçaram-se por descrever e publicar estas viagens e também por traduzir noutras línguas aquilo que os Espanhóis e Portugueses descreveram nas suas línguas, pois estas diferentes viagens não são poucas e são necessárias de ler para aqueles que apreciam histórias maravilhosas. (Lopes, 1990: 272)

E ainda nas palavras do mesmo tradutor:

Posso imaginar que cada leitor aplicado, depois de ter visto e reconhecido as cinco navegações que compõem este livro, terá sem dúvida um enorme desejo de conhecer também as outras [...] mesmo que muitas vezes possam parecer insólitas: Embora nos sejam relatadas coisas invulgares e nunca vistas, não as devemos rejeitar de repente como não verdadeiras, pois são possíveis e verdadeiras

muitas coisas que para aqueles que as ouvem lhe parecem como inacreditáveis, porque não são coisas vulgares. Isso, não é todavia culpa sua, mas das pessoas que consideram impossível, o que não chegou antes aos seus ouvidos ou que não viram. Especialmente foram muitas coisas apresentadas como possíveis e verdadeiras que antes eram consideradas como fábulas ou lendas. (Lopes, 1990: 275)

Com estes exemplos não poderá haver dúvidas sobre o papel comunicacional e cultural da atividade tipográfica, um papel de mediação que, como salienta Roger Chartier (2014), realça a própria conceptualização do texto escrito. Tal como os seus autores, também os tradutores são fundamentais agentes mediadores, como construtores e inventores do saber que se vai visualizando e conceptualizando. O interesse nesta coleção de informações manter-se-á como uma das razões principais para a edição de obras portuguesas além-fronteiras – tal como ainda testemunha a publicação alemã da obra de Duarte Lopes e Filippo Pigafetta sobre o Congo, em 1597.

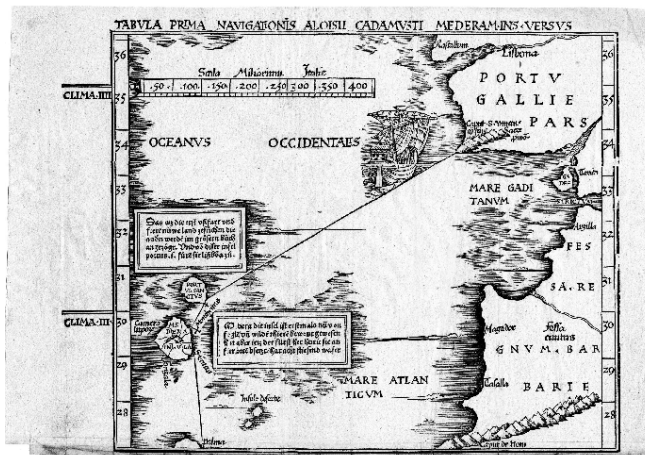


3. MAPEAR E MEDIAR

Reconhecer o mundo e mapear as muitas zonas que se revelavam seria entendido como o fruto da perseverança, da coragem e da confiança de muitos homens novos que assim deram “novos mundos ao mundo”. A história de um mundo aberto e de uma intensiva comunicação existente entre os diferentes espaços geográficos, traçada em mapas e obras de teor geográfico, seria o momento de consumação das viagens e respetiva escrita descritiva vinda a lume no século XVI (Lopes, 2002: 135-170).

Martin Waldseemüller e a sua *Carta Marina Navigatoria Portugallen* (1516) serão um dos primeiros exemplos de uma outra imagem do mundo, de uma nova visibilidade. E não será, certamente, por acaso que, significativamente junto ao Cabo de Boa Esperança, reconhecemos o *Cristianissimi Emanuelis regis Portugallie victoria*, como se pode ler na legenda. Sentado num delfim, o rei de Portugal hasteia a bandeira nacional em representação da vitoriosa epopeia marítima.

Marco da cartografia coeva, ele será alvo de várias reedições por outros geógrafos, ou motivo para a formulação de um guia e instruções como o que formula Laurentius Frisius, *Auslegung der Mercathen*, que terá grande popularidade entre 1525 e 1530 na Europa. Por ordem alfabética são apresentadas mais duzentas das localidades mencionadas no mapa de Waldseemüller com um breve apontamento sobre terras e gentes, como acontece por exemplo para a ilha da Madeira ou para Meli. Neste último caso, recorre-se mais uma vez a materiais conhecidos, como o texto de Luís de Cadamosto, crucial para a descrição da localidade africana e compilado entre os escritos dos *Paesi novamente ritrovati*. Aliás, logo no início aparece um mapa intitulado *Tabvla prima navigationis Aloisii Cadamvsti*, onde se podem ver representadas a ilha da Madeira e a costa ocidental africana num claro domínio e conquista desta ferramenta reorganizadora de novos espaços do mundo renascentista.



A surpresa e o espanto serão, por isso, grandes, pelo que muitos geógrafos irão inicialmente considerar estes novos informes e dados como um outro mundo, ou, como muitos denominarão, um “mundo extra Ptolomeu”, como o formula, por exemplo, Johan Schöner, no seu *Opusculum geographicum* editado em Nuremberga (1533). Assim, é um mundo para além dos conhecimentos de Ptolomeu, “De regionibus extra Ptolomaeum”, o mundo “inventado” pelos portugueses: “Extremum Ptolomeo cognitum Prassum promontorium, verum nostra aetate tota haec portio à Portugalensibus inventa est” (Schöner, 1533: E).

Os autores do século XVI ver-se-ão, na verdade, confrontados com um problema de difícil resolução: como inserir e enquadrar os dados das viagens marítimas no seu contexto histórico. O visível aumento do espaço geográfico, afinal habitado, impõe a procura das razões explicativas para a origem deste fenómeno.

As observações e as experiências dos nautas não serão, inicialmente, logo inseridas no sistema geográfico prevalecente; Ptolomeu, Plínio, Pomponio Mela continuarão a reger a ordem do saber. Os autores da Antiguidade Clássica, fundamento do saber quer no que respeita à constituição do mundo, quer no conhecimento particular de cada uma das regiões, formam o que poderíamos denominar um primeiro nível do conhecimento.

Só assim se pode explicar que as terras recentemente descobertas sejam consideradas como um mundo *extra Ptolomeu*, tal como o definem as cosmografias das primeiras décadas do século XVI. A descoberta de regiões até então desconhecidas significa para estes autores mais do que a experiência de aflorar novas regiões, o testemunho de que seriam desconhecidas no mapa-múndi ptolemaico.

Em 1534, Sebastian Franck publicava o *Weltbuch, Spiegel vnd bildniß des gantzen Erdbodens*, obra que, como o próprio título indica, tinha como propósito apresentar o mundo na sua totalidade.

Curiosamente, será no capítulo dedicado à América que iremos encontrar o relato de Luís de Cadamosto, os escritos sobre a viagem de Pedro Álvares Cabral, a carta de D. Manuel e os textos de Américo Vespúcio e Cristóvão Colombo. A publicação destes escritos não causa admiração, dado que já tinham sido editados (Ruchamer, 1508); singular é, todavia, a sua introdução num capítulo reservado ao continente americano. Embora no texto sobre África não se tenha feito qualquer menção a Luís de Cadamosto, é neste capítulo que se vai acompanhar o seu relato ao longo da costa africana, bem como outros textos referentes ao Oriente. Este facto leva-nos a levantar a hipótese explicativa de que as novas informações sobre as viagens marítimas compõem como que um bloco uno, que ainda não se integrou com a realidade conhecida. Trata-se assim para os coetâneos de um outro, novo mundo, um mundo extra Ptolomeu.

Mas, ao mesmo tempo que se vai construindo uma nova representação geográfica, os geógrafos não escondem uma forte admiração perante o relativismo cultural da geografia humana vindo à luz com as navegações, como o expressa o cosmógrafo Sebastian Münster: “E porque eles estão habituados a viver segundo a maneira da sua terra, vivem assim bem como nós segundo a maneira da nossa terra” (Münster, 1545: Mccccxx).

Interessado em conhecer “a vacilante mudança de todas as coisas humanas”, o geógrafo alemão irá mapear e mediar o legado da antiguidade clássica com o atual. Ao lado de Ptolomeu, podemos ver, nas páginas da sua cosmografia, nomes como os de Damião de Góis ou Francisco Álvares, no desejo de traçar e mediar a nova prosa do mundo. Sendo a sua cosmografia um *bestseller* ao longo de quase cem anos, entre 1544 e 1628, a obra foi um dos agentes mediadores dos saberes clássicos e contemporâneos.

Os exemplos apresentados testemunham o contributo de Portugal para uma nova visibilidade do mundo, pois o saber, a experiência e os informes recolhidos permitiram construir uma nova imagem do mundo nos séculos XV e XVI. Nos vários momentos da construção desta nova visibilidade, os conhecimentos e relatos portugueses tiveram um papel decisivo, sendo muitas vezes os primeiros a ver e a descrever realidades até então desconhecidas, suscitando a vontade de colecionar e editar este novo conhecimento e obrigando a um novo mapear e mediar dos saberes herdados e adquiridos.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Luis de (Dir.), *Portugal no Mundo*. Lisboa: Alfa, 1989.
- ÁLVARES, Francisco, *Die reis zu des christlichen Königs im hohen Ethiopien...* Frankfurt/M.: Feyerabendt, 1581.
- ÁLVARES, Francisco, *A Verdadeira Informação das Terras do Preste João*, Lisboa, 1540. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1974.
- ANDRADE, António Alberto Banha de, *Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1972.
- ANSELMO, Artur, *Les Origines de L'imprimerie au Portugal*. Paris: FCG, 1983.
- ANSELMO, Artur, *L'Activité typographique de Valentim Fernandes au Portugal (1495-1518)*. Paris: FCG, 1984.
- ANSELMO, Artur, *História da Edição em Portugal*, III vols. Lisboa: Lello & Irmão, 1991.
- BARBOSA, Duarte, *Livro das Coisas da Índia*. Lisboa, 1941.
- BARRETO, Luís Filipe, *Descobrimentos e Renascimento, Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.
- BARRETO, Luís Filipe, “As viagens marítimas e a nova visão do mundo e da natureza”, in *Portugal no Mundo*, dir. Luís de Albuquerque, vol. II. Lisboa: Alfa, 1989, pp. 406-413.
- BARRETO, Luís Filipe e GARCIA, José Manuel, *Portugal na Abertura do Mundo*. Lisboa: CNCDP, (s/d).
- BENEDICT, Barbara M., *Curiosity: a cultural history of early modern inquiry*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- BURKE, Peter, *A Social History of Knowledge*. Cambridge, UK: Polity Press, 1997.

CASTANHEDA, Fernão Lopes de, *Warhafftige vnd volkomene Historia/ von Erfindung Calectut vnd anderer Königreich/ Landen vnd Inseln/ in Indien/ vnd dem Indianischen Meer gelegen/ So vormals von niemals mehr erfand/ Daher biß auff den heutigen Tag allerley Gewürtz/ Specerey und andere köstliche Waren in die ganze Christenheit gebracht werden, Wie dieselbigen durch des Königs auß Portugal Unterthanen zu Meer ersucht/ gefunden und bekriegt worden/ etc. Auß Frantzösischer Sprach jeßt newlich ins Teutsch gebracht.* s.l., 1565.

CHARTIER, Roger, *The Author's Hand and the Printer's Mind: Transformations of the written word in Early Modern Europe.* Cambridge, UK: Polity Press, 2014.

CLIFFORD, James; George E. MARCUS (Ed.), *Writing Cultures. The Poetics and Politics of Ethnography.* Berkeley: University of California Press, 1986.

COSTA, A. Fontoura da, *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes (1506-1508).* Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1939.

CORTESÃO, Jaime, *Os factores democráticos na formação de Portugal.* Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

DIAS, João José Alves, "Os primeiros impressores alemães em Portugal", in *No Quinto Centenário da Vita Christi. Os Primeiros Impressores Alemães em Portugal.* Lisboa: BNL, 1995, pp. 15-27.

FRANCK, Sebastian, *Weltbuch, Spiegel vnd bildniß des gantzen Erdbodens...* Tübingen, 1534.

EHRHARDT, Marion, *A Alemanha e os Descobrimentos Portugueses.* Lisboa: Texto Editora, 1989.

GARCIA, José Manuel (Ed.), *Viagens dos Descobrimentos.* Lisboa: Presença 1983.

GRYNAEUS, Simon, *Orbis regionum ac insularum veteribus incognitarum una cum tabula cosmographica.* Basel, 1532.

HIRSCHBERG, Walter, *Monumenta Ethnographica, Frühe völkerkundliche Bilddokumente: Schwarzafrika (1508-1727).* Graz: Akademie, 1962.

LEITCH, Stephanie, *Mapping Ethnography in Early Modern Germany, New Worlds in Print Culture.* New York: Palgrave Macmillan, 2010.

LESTRINGANT, Frank, *Écrire le monde à la Renaissance. Quinze études sur Rabelais, Postel, Bodin et la littérature géographique.* Caen: Paradigme, 1993.

LOPES, Duarte; PIGAFETTA, Filippo, *Wahrhafte und eigentliche Beschreibung des Königreichs Congo in Africa...* Frankfurt/M.: Bry, 1597.

LOPES, Marília dos Santos, "Portugal. Uma fonte de novos dados. A recepção dos conhecimentos portugueses sobre África nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII", in *Mare Liberum* 1, 1990, 205-308.

LOPES, Marília dos Santos, "'Vimos oje cousas maravilhosas.' Valentim Fernandes e os Descobrimentos Portugueses", in *Portugal – Alemanha – África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político. Actas do IV Encontro Luso-Alemão.* Coord. A. H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz, Fernando Clara. Lisboa: Colibri, 1996, pp. 13-23.

LOPES, Marília dos Santos, *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas, Para uma Iconografia dos Descobrimentos.* Lisboa: Quetzal, 1998.

LOPES, Marília dos Santos, "O impacto da viagem de Vasco da Gama na Alemanha", in José Manuel Garcia (Coord.), *A Viagem de Vasco da Gama à Índia 1497-1499.* Lisboa: Academia da Marinha, 1999, pp. 604-608.

LOPES, Marília dos Santos, *Da descoberta ao Saber. Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII.* Viseu: Passagem, 2002.

LOPES, Marília Santos, "Ao serviço do Império: a nobilitação de estrangeiros na corte joanina e manuelina", in *Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime*, 1-9. Lisboa: ICT, 2012a.

LOPES, Marília dos Santos, "From Discovery to Knowledge: Portuguese Maritime Navigation and German Humanism", in *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*, ed. Maria Barbara and Karl A. E. Enekel. Leiden: Brill, 2012b, pp. 425-446.

MARQUES, A. H. de Oliveira, "Alemães e impressores alemães no Portugal de finais do século XV", in *No Quinto Centenário da Vita Christi. Os Primeiros Impressores Alemães em Portugal.* Lisboa: BNL, 1995, pp. 11-14.

- MATOS, Luis de, *L'Expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*. Lisboa: FCG, 1991.
- MATOS, Luis, *Itinerarium Portugallensium*. Lisboa: FCG, 1992.
- MÜNSTER, Sebastian, *Cosmographia, Beschreibung/ aller Lender durch/ Sebastianum Munsterum/ in welcher begriffen/ Aller völker/ Herrschafften/ Stetten/ vnd namhafftiger flecken/ herkommen:/ Sitten/ gebreüch/ ordnung/ glauben/ secten/ vnd hantierung/ durch die gantze welt/ vnd fürnemlich Teütscher nation, Was auch besonders in iedem landt gefunden/ vnnnd darin beschehen sey, Alles mit figuren vnd schönen landt tafeln erkleret/ vnd für augen gestellt*. Basel, 1544-1628.
- MÜNZER, Jerónimo, *Itinerário*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.
- PAULO, Marco, *O Livro de Marco Paulo – o Livro de Nicolao Veneto – Carta de Jeronimo de Santo Esteuam, conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502*, de Francisco Maria Esteves Pereira. Lisboa, 1922.
- PEUTINGER, Konrad, *Sermones conuiuales... Argentinae*: Schurer, 1506.
- RADULET, Carmen, *Os Descobrimentos Portugueses e a Itália*. Lisboa: Vega, 1991.
- RIBEIRO, Maria Aparecida, "Penas de índio: a representação do "Brasileiro" na arte portuguesa", in *Máthesis* 5, 1996, 293-323.
- RUCHAMER, Jobst, *Neue unbekante Landte und ein neue weldte in kurz vergangener zeythe erfunden*. Nuremberga, 1508.
- SCHEDEL, Hartmann, *Liber Chronicarum*. Nürnberg: Koberger, 1493.
- SCHONER, Johannes, *Opusculum Geographicum*. Nürnberg, 1533.
- SMITH, Pamela H., "Art, Science, and Visual Culture in Early Modern Europe", in *Focus – Isis (The History of Science Society)*, 97, 1, 2006, 83-100.
- SMITH, Pamela H. & FINDLEN, Paula (eds.), *Merchants & Marvels. Commerce, Science, and Art in Early Modern Europe*. New York: Routledge, 2002.
- SPRINGER, Balthasar, *Die Merfart vñ erfahrung nitwer Schiffung vnd Wege zü viln onerkanten Insehn vnd kunigreichen/ von dem großmechtigen Portugalichen Kunig Emanuel Erforscht/ funden/ bestritten vnnnd Ingenommen/ Auch wunderbarliche Streyt/ ordnung/ leben wesen handlung vnd wunderwercke/ des volcks vnd Thyrer dar in wonende/ findstu in diesein Buchlyn warhaftiglich beschrybern un abkunterffeyt/ wie ich Balthasar Sprenger sollichs selbs: in kurtzuerschynen zeiten: gesehen vñ erfahren habé*. s.l. (Oppenheim), 1509.
- VOGEL, Klaus A., "Neue Horizonte der Kosmographie. Die kosmographischen Bücherlisten Hartmann Schedels (um 1498) und Konrad Peutingers (1523)", in *Anzeiger des Germanischen Nationalmuseums*, 1991, pp. 77-85.
- WALDSEEMÜLLER, Martin, *Carta Marina Navigatoria Portugallen... Saint-Dié*, 1516.
- WUTTKE, Dieter, *German Humanist Perspectives on the History of Discovery, 1493-1534*, Foreword by Marília dos Santos Lopes. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, 2007.